

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO ROBINSON

ISSN
1646-7116

22

A ideia nunca abala
The idea never wavers



A ideia nunca abala
The idea never wavers

PUBLICAÇÕES DA FUNDAÇÃO ROBINSON N.º 22
ROBINSON FOUNDATION PUBLICATIONS No. 22

A ideia nunca abala

The idea never wavers

Portalegre, Fevereiro de 2012 Portalegre, February 2012

Fundação Robinson
Robinson Foundation

CONSELHO DE CURADORES
COUNCIL OF CURATORS

Adelaide Teixeira (Presidente) (Chair),
Ana Manteiga, Antero Teixeira, Joaquim Mourato, António
Ceia da Silva, Rui Cardoso Martins, Sérgio Umbelino

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
ADMINISTRATIVE COUNCIL

José Manuel Barradas (Presidente) (Chair), Diogo Júlio Serra,
Maria Estevinha

ADMINISTRADORA DELEGADA
ASSISTANT ADMINISTRATOR

Alexandra Carrilho Barata

Publicações da Fundação Robinson
Robinson Foundation Publications

CONSELHO CONSULTIVO
EDITORIAL BOARD

Amélia Polónia, António Camões Gouveia, António Filipe Pimentel,
António Ventura, Carlos Serra, João Carlos Brigola, Luísa Tavares Moreira,
Maria João Mogarro, Mário Freire, Rui Cardoso Martins

DIRECTOR
EDITOR

António Camões Gouveia

ADMINISTRAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES
PUBLICATIONS ADMINISTRATOR

Alexandra Carrilho Barata

SECRETARIADO DE EDIÇÃO
PUBLICATION SECRETARY

Jorge Maroco Alberto

A correspondência relativa a colaboração,
permuta e oferta de publicações deverá ser dirigida a
All correspondence to be addressed to

Fundação Robinson
Robinson Foundation
Apartado 137
7300-901 Portalegre
Tel. 245 307 463
fund.rob@cm-portalegre.pt

www.fundacaorobinson.pt

DESIGN
DESIGN
TVM designers

COORDENAÇÃO
COORDINATED BY
António Camões Gouveia

COORDENAÇÃO EDITORIAL
EDITORIAL COORDINATION
Há Cultura Lda.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS
PHOTO CREDITS
Jorge Murteira

TRADUÇÃO
TRANSLATED BY
David Hardisty (inglês) (english), Pedro Santa María de Abreu
(espanhol) (spanish), Maria Luísa Tavares Moreira (francês) (french)
e Carlos Almeida Santos (alemão) (german)

REVISÃO
EDITING
António Camões Gouveia, Célia Gonçalves Tavares,
Jorge Maroco Alberto

IMPRESSÃO
PRINTED BY
Gráfica Maiadouro

DEP. LEGAL 341 629/12
ISSN 1646-7116

4	Nota de abertura Opening note Nota de abertura PRESIDENTE DO CONSELHO DE CURADORES CHAIR OF THE COUNCIL OF CURATORS
6	Aqueles que na fábrica habitaram The former residents of the factory Aquello que en la fabrica habitaron
10	Uma fábrica de uma família inglesa e com operários An English family factory and its workers Una fabrica de una familia inglesa y con obreros CÉLIA GONÇALVES TAVARES JORGE MAROCO ALBERTO
14	Para que a ideia não abale So that the idea never waver Para que la idea no se esfume ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA
18	Um caminho longo para memória futura A long road to a future memory Un largo camino para futura memoria JORGE MURTEIRA
26	Os operários da Fábrica Robinson The workers of the Robinson Factory Los obreros de la Fabrica Robinson MÁRIO MURTEIRA
30	Planos de urgência Imagens e sons da fábrica de cortiça de Portalegre Emergency plans. Images and sounds from the Portalegre cork factory Planes de emergência. Imágenes y sonidos de la fabrica de corcho de Portalegre CLÁUDIA JORGE FREIRE
42	Ficha técnica Technical information Ficha técnica
44	Síntese: resumos e palavras-chave Abstracts and keywords Resúmenes y palabras clave Résumé et mots-clé Resümee und Schlüsselwörter

Nota de abertura

Opening note

ADELAIDE DE ÁGUIAR MARQUES TEIXEIRA

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTALEGRE
E DO CONSELHO DE CURADORES DA FUNDAÇÃO ROBINSON
MAYOR OF THE MUNICIPALITY OF PORTALEGRE AND CHAIRWOMAN
OF THE BOARD OF TRUSTEES OF THE ROBINSON FOUNDATION

PORTALEGRE FOI SEMPRE CIDADE de tertúlias, cafés, jornais... hoje restam mais atitudes de conversa e crítica do que hábitos de sociabilidade interventiva e criativa. Este número das *Publicações da Fundação Robinson*, na procura constante que a sua Equipa de Cultura vem fazendo de despertar e reinventar memórias do lugar, do fazer, do conviver, do associar, do inserir em espaço público, do construir pedagogicamente com novas atitudes de “escola”, recupera e brinda-nos com um convite.

Recupera a voz dos Operários da Fábrica Robinson, alguns dos anteriores habitantes do Espaço Robinson, no que nos querem e como nos querem dizer. Brinda-nos com o convite, que estas *Publicações*-programa enunciam, que visionemos o documentário notável que o antropólogo Jorge Murteira nos preparou, claramente caracterizado e definido no seu título, *A ideia nunca abala*.

Ou seja, propõe-se por escrito, com continuação em audiovisual, uma conversa animada, no final do espectáculo, na rua, no café, sobre os depoimentos que aqui se apresentam ou essas cruas, verdadeiras e visualizáveis frases dos Operários, extraídas das dezenas e dezenas de horas de conversa gravadas e arquivadas!

Assim se toca mais uma das muitas dimensões pensadas para o futuro do Espaço Robinson: um Espaço de estar e conversar, um espaço de novas maneiras de estar e conversar!

Só temos que lá estar para opinar, criticar, olhar e ouvir os outros... como bem sabem fazer os de Portalegre.

PORTALEGRE HAS ALWAYS been a City of soirées, cafés, newspapers... nowadays it is the conversational and critical attitudes which remain rather than the habits of creative hands-on sociability. This issue of the *Publications of the Robinson Foundation*, as part of the constant efforts which its Cultural Team have carried out to awaken and reinvent memories of places, of doing, of conviviality and association, of being part of a social space, of pedagogically constructing new “school” attitudes, has offered us an invitation concerning its restorative work.

It has restored the voice of the Workers of the Robinson Factory, some of the former inhabitants of the Robinson Space, in terms of their wishes and how they wish to communicate with us. It has offered us an invitation, as announced in these *Publications*, for us to view the notable documentary which the anthropologist Jorge Murteira has prepared for us and which is clearly described and defined in its title, *The idea never wavers*.

That is, it suggests in writing, and with audio-visual continuity, an animated conversation, at the end of its viewing, in the street, in the café, concerning the testimonies given here and the raw, truthful and visible statements of the Workers, taken from the dozens and dozens of hours of conversation which were recorded and archived.

In this way it deals with one of the many aspects considered for the future of the Robinson Space: a Space to be and converse, a space for new ways of being and conversing!

We just have to make sure we are present in order to offer our opinion, to critique, watch and listen to others... as the inhabitants of Portalegre know how to do only so well.

Aqueles que na fábrica habitaram

The former residents of the factory

ANA MARIA TRINDADE	HENRIQUE SOCORRO	JOSÉ VIANA
ANA RATO	HILÁRIO FERNANDES	JOSEFINO MARQUES
ÁLVARO REIXA	JOÃO CRESPO	JÚLIA JOSÉ
ANTÓNIO BORRALHO	JOÃO RAMOS CORDAS	LIZETE MARTINHO
ANTÓNIO LACÃO	JOÃO SIMÃO	MANUEL BALOLA
ANTÓNIO LOURENÇO	JOÃO VINTEM	MANUEL MEIRA
ANTÓNIO RAVASQUEIRA	JOAQUIM DO CARMO	MANUEL GARÇÃO
ARNALDO DAVID	JOAQUIM FERNANDO MARTINS	MARIA HELENA FERREIRA
ATANASCA NASCO	JOAQUIM MANUEL MARTINS	PEDRO BOLOU
BALTASAR CASQUEIRO	JOAQUIM PIRES	RAÚL CACHOPEIRA
CARLOS BELACORÇA	JOSÉ ANTÓNIO	RUI ROSA
CARLOS <i>MADEIRENSE</i>	JOSÉ CAPOTE	SEBASTIÃO NOGUEIRO
CIPRIANO BRITO	JOSÉ CONCHINHA	SERAFIM RODRIGUES
ESTEVÃO RATO	JOSÉ SERRANO	
FERNANDO QUEZADA	JOSÉ PIRES	

Frases | Quotes

Sempre dei o meu melhor

I always gave my all

JOÃO RAMOS CORDAS

Foi pena ter acabado assim

It was a pity it finished like that

MANUEL MEIRA

Vou para onde?

Where do I go?

RUI ROSA

Eu já não tenho nada

em que me possa entreter

*I've got nothing left to entertain me
any more*

ARNALDO DAVID

Assumi isto, fiquei até ao fim

I accepted this, and I stayed until the end

JOAQUIM MANUEL MARTINS

*Somos aqueles que ainda
estamos a acreditar nisto*

We are the ones who still believe in this

JOSÉ VIANA

*Promessas que nunca foram
cumpridas*

Promises which were never kept

MANUEL BALOLA

*Porque ele ainda hoje podia
estar na minha companhia
se não fosse isto tudo ...*

*Because he could still be in my company
if it wasn't for all of this...*

ANA RATO

*Nunca mais será aquilo
que era de antes*

*Things will never return to how
they were*

JOSÉ CAPOTE

Sempre aflita por causa deles

Always anxious because of them

MARIA HELENA FERREIRA

*O meu pai meteu-me lá
a vida inteira! A vida inteira!*

*My father put me there as a life sentence!
For life!*

FERNANDO QUESADA

*Aquilo parece que
já era a minha casa*

It seemed like home

CIPRIANO BRITO

*Ainda hoje me considero
da família Robinson*

*Even today I still feel part
of the Robinson family*

ANTÓNIO LOURENÇO

Vim-me embora doente

I was sick when I left

JÚLIA JOSÉ

Eles fecham tudo

They are closing everything

SERAFIM RODRIGUES

*Eu ia lá sem ganhar um tostão,
naquilo que eu pudesse auxiliar*

*I would go there without earning
a penny if I could help*

JOÃO VINTÉM



Nasceram-me lá a quase que os dentes

I think I went there with the tooth fairy

ANA MARIA TRINDADE

Entrei para lá aos nove anos

I started there when I was nine years old

PEDRO BOLOU

Tinha uma vontade de fábrica que era uma coisa...

I really wanted to go and work in factory like that...

BALTASAR CASQUEIRO

Alguém a afundou; nunca quisemos que nos fossem imputadas culpas a nós

Somebody dragged it down; we never wanted anyone to blame us

JOAQUIM FERNANDES MARTINS

Uma fábrica de uma família inglesa e com operários

An English family factory and its workers

CÉLIA GONÇALVES TAVARES

JORGE MAROCO ALBERTO

FUNDAÇÃO ROBINSON
ROBINSON FOUNDATION

21, HORTON STREET, Halifax, Yorkshire, Inglaterra. O endereço corresponde à sede da empresa Robinson Brothers Cork Growers Limited, fundada naquela cidade britânica na senda da Revolução Industrial, durante o século XIX, por quatro irmãos: George, John, William e Frederick. Entre outras produções, os irmãos Robinson dedicaram-se à transformação de cortiça, importada em grande parte de Portugal, historicamente – e ainda hoje – o maior produtor mundial desta matéria-prima extraída do sobreiro. Por conseguinte, além de Halifax e de Manchester, onde também possuíam instalações industriais, um dos irmãos, George, estabeleceu-se em Portugal e fundou em Portalegre, no coração da zona de produção da cortiça, uma filial da empresa aproveitando a proximidade da matéria-prima e o saber-fazer ancestral das populações.

Em Portugal, George William Robinson (Halifax, 1813 – Portalegre, 1895) beneficiou também da conjuntura liberal, que acabara de extinguir todas as ordens religiosas e que disponibilizara propriedades e edifícios antes religiosos para novos usos. Assim aconteceu com o antigo Convento de São Francisco de Portalegre onde, depois da extinção de 1834, já outra família inglesa – os Reynolds – tinha estabelecido uma pequena oficina de transformação de cortiça. George adquiriu aos compatriotas a pequena oficina e em 1848¹ fundou aquela que viria a ser uma das maiores corticeiras a nível mundial. Com tecnologias e conhecimentos avançados, a Fábrica Robinson produziu rolhas mas foi-se especializando na produção de aglomerados de cortiça. Tanto George como o seu filho, George Wheelhouse Robinson (Portalegre, 1857 – Portalegre, 1932), tiveram um papel importante na vida desta pacata cidade alentejana para além do seu papel de grandes industriais e proprietários, pois destacaram-se também como filantropos e personalidades activas e in-

21, HORTON STREET, Halifax, Yorkshire, England. The address was the company headquarters of Robinson Brothers Cork Growers Limited, founded in that British city by four brothers, George, John, William and Frederick, in the wake of the British Industrial Revolution during the nineteenth century. Among other activity, the Robinson brothers worked on transforming cork, mainly imported from Portugal, and which historically has been - and still is today - the world's largest producer of raw materials extracted from cork trees. As a result, in addition to Halifax and Manchester, where they also had manufacturing facilities, one brother, George, settled in Portugal and established a subsidiary in Portalegre in the heart of the cork production region, taking advantage of the proximity of the raw materials and the long-standing know-how of the population.

In Portugal, George William Robinson (Halifax, 1813 - Portalegre, 1895) also benefited from the liberal climate, which had just done away with the religious orders and consequently had made religious buildings and properties available for new uses. This was the case with the Convent of São Francisco in Portalegre where, after the dissolution in 1834, another English family - the Reynolds - had established a small workshop for the processing of cork. George acquired the small workshop from his compatriots in 1848 and founded¹ what was to become one of the largest cork factories worldwide. With advanced technologies and knowledge, the Robinson Factory produced stoppers, but specialised in the production of agglomerated cork. Both George and his son, George Wheelhouse Robinson (Portalegre, 1857 - Portalegre, 1932), played an important role in the life of this quiet Alentejan town beyond their role as major industrialists and proprietors, as they also made their mark as philanthropists and active individuals within Portalegre soci-

fluentes na sociedade portalegrense. Sem esquecer períodos de maior agitação e conturbação social² a Fábrica Robinson representou um período industrial e de crescimento da cidade, marcando o seu quotidiano e chegando a empregar mais de 1500 operários (por vezes também provenientes das vizinhas fábricas que a família adquiriu em Espanha).

Desde as últimas décadas do século XX que, ultrapassada tecnologicamente e há muito tempo sem os Robinson (que desde 1946 tinham vendido a sua parte do capital a outros industriais), a Fábrica Robinson atravessou tempos críticos e, sem surpresa, acabou por fechar as suas portas. Os seus operários, muitos deles descendentes dos primeiros trabalhadores da Robinson, tudo fizeram para assegurar a produção e, certamente, por sentirem também o dever moral de sustentar a velha fábrica até que as suas forças o permitissem. No início de 2009 as máquinas pararam finalmente, depois de mais de 160 anos de actividade ininterrupta, num processo lento, agonizante e sem sobressaltos que colocou no desemprego e na incerteza os operários que ainda resistiam.

ety. Without forgetting periods of increased social unrest and upheaval², the Robinson Factory represented a period of industrial growth for the city, marking its everyday life and coming to employ over 1500 workers (sometimes also coming from the neighbouring factories that the family had acquired in Spain).

From the last decades of the twentieth century onwards, a considerable period of time on from the Robinsons (who had sold their share capital to other industrialists in 1946), and technologically outdated, the Robinson Factory experienced critical times and, not surprisingly, ended up closing its doors. Its workers, many of them descendants of the first Robinson employees, did everything to ensure the production, certainly also because they felt a moral duty to support the old factory whilst its strength would allow this. In early 2009, the machines finally stopped, after over 160 years of uninterrupted activity, a slow, agonizing and inevitable process leading to the workers who still remained being made unemployed and uncertain of their future.

NOTAS

¹ Cfr. VENTURA, António – “Para uma cronologia da Fábrica Robinson. 1848 – 1966”. *Publicações da Fundação Robinson n.º 0. Para a História da Fundação*. Portalegre: Fundação Robinson, 2007, pp. 8-23.

² Veja-se, por exemplo, o artigo de António VENTURA – “Conflitos sociais em Portalegre no tempo dos Robinson”. *Publicações da Fundação Robinson n.º 23*. Portalegre: Fundação Robinson, no prelo.

NOTES

¹ “A chronology of the Robinson Factory. 1848 – 1966”. *Publications of the Robinson Foundation No. 0. Towards a History of the Foundation*. Portalegre: Robinson Foundation, 2007, pp. 8-23.

² See, for example, the article by António VENTURA – “Social Conflicts in Portalegre during the Robinson period”. *Publications of the Robinson Foundation No. 23*. Portalegre: Robinson Foundation, in press.



Para que a ideia não abale

So that the idea never waver

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNL
COORDENADOR CIENTÍFICO DA FUNDAÇÃO ROBINSON
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNL
SCIENTIFIC COORDINATOR OF FUNDAÇÃO ROBINSON

QUANDO SE COMEÇOU a conceptualizar e a construir o Espaço Robinson, com memórias de património, história e ideias de sociedade, sociabilidades e confrontos laborais, sempre se tiveram em conta três realidades.

A Fábrica como totalidade de coisas e homens.

As coisas, enquanto edificado, equipamentos e máquinas.

Os homens.

É destes últimos que hoje queremos falar (melhor seria dizer, “ver e ouvir!”). Uns são os construtores de ontem, ou de linguagem inglesa ou de saberes e práticas portuguesas em redor da transformação da cortiça. Outros, os operários de hoje, que aqui trabalharam, que todas as coisas conhecem. Por fim, os “novos” habitantes que farão da Fábrica no futuro um Espaço de Cultura.

Este Espaço, esta Paisagem de Cultura, de movimentos lentos e explosões controladas, num processo de criação e trabalho que, por história e memória, por respeito fundacional e por justiça local, se denominará Robinson é já hoje uma marca de Portalegre.

Por isso nos aprás que o trabalho continuado, programado e com finalidade, que a Fundação vem realizando há vários anos não só marque como seja possível de mostrar, de exhibir, enquanto realidade definitiva compreendida.

Registaram-se vozes e “ideias que nunca *lhes* abalaram” não para acumular documentos audiovisuais ou para os disponibilizar *on-line*, não!, realizou-se trabalho de campo para se conhecer, para se conhecer séria e cientificamente pela mão de um antropólogo documentarista, o Jorge Murteira, para que outros, muitos outros, possam vir a compreender, a construir compreensão da realidade Fábrica Robinson nos tempos do seu fecho enquanto unidade produtiva industrial e, por aí, perce-

WHEN THE WORK to conceptualize and build the Robinson Space was set in motion, besides the memories of its heritage, its history, corporate ideas, sociability and labour confrontations, there were always three realities to take into consideration.

The Factory as a totality of things and human beings.

Its things, in terms of the building, equipment and machinery.

Its human beings.

Today it is the latter that we wish to speak (or rather, “see and hear”!) more of. Some are the builders of yesteryear, whether their tongue might be English or their knowledge and practices Portuguese, around the transformation of cork. Others, the labour force of the present day, who worked here, who know everything. Finally, the “new” residents who are turning the Factory into a future Space for Culture.

This Space, this Cultural Landscape, of slow movements and controlled explosions, is to be called Robinson which, through the process of its creation and work, its history and memory, basic respect and local justice, is nowadays a mark of Portalegre.

Hence our hope that the on-going scheduled work, with its final aim in mind, which the Foundation has been carrying out for several years, thus marks how it is possible to show and present this as an understood definitive reality.

Voices and “ideas that... have never waivered “were recorded, not just to create a corpus of audio-visual documentation and make it available online, indeed not!, but rather an academic exercise was carried out in the field to get to know, to learn in a solemn and academic manner, through the work of the documental anthropologist Jorge Murteira, so that others, many others, will be able to understand, to construct an understanding of the reality of the Robinson Factory as a

ber melhor Portalegre e as suas extensões territoriais de ontem e de hoje.

Mas compreender é o primeiro caminho para gostar, só se gosta do que se entende, e por aí podem vir a compreender-se afectivamente aqueles que por aqui passam em imagem e som.

Amanhã perdeu-se menos, amanhã compreende-se melhor, amanhã julgar-se-á menos e sentir-se-á mais! Por essas razões de afectos científicos é que a Fundação Robinson está a conseguir construir o Espaço Robinson com Portalegre.

Gosto muito que as ideias nunca abalem! Fico com a certeza que é o homem que desenha os seus futuros.

Portalegre, no Espaço Robinson,
a 28 de Setembro de 2011

manufacturing industrial unit at the time of its closure, and thus better understand Portalegre and its spatial configuration both yesterday and today.

However, understanding is the first step towards liking, and only what is understood can be liked, and in this way, through sound and image, it is possible to affectively understand those who passed through here.

Tomorrow less has been lost, tomorrow more is understood, tomorrow there will be less thought and more feeling. It is due to this academic affection that the Robinson Foundation is managing to construct the Robinson Space along with Portalegre.

I really like the fact that ideas never waver! I am certain that human beings are the ones who determine their own futures.

Portalegre, in the Robinson Space,
on September 28, 2011



Um caminho longo para memória futura

A long road to a future memory

JORGE MURTEIRA

REALIZADOR
DIRECTOR

SERÁ PROVAVELMENTE mais fácil avaliar projectos quando estes terminam se nos referirmos aos resultados alcançados em função dos objectivos traçados no seu início. Neste projecto, inicialmente intitulado «O Operariado e a Fábrica na Cidade», parece-me mais importante assinalar o envolvimento humano, persistência e dedicação que marcaram o percurso de seis anos desde que se iniciaram os trabalhos de pesquisa e de filmagem. E se isto é verdade para os que do ponto de vista institucional e pessoal tudo fizeram para que viesse a ser concluído, é-o ainda mais em relação aqueles que são os seus principais destinatários e se constituíram simultaneamente como seus protagonistas: os antigos operários da Fábrica Robinson. Produzir e realizar este projecto foi tão especial e estimulante quanto exigente. As filmagens e o documentário são disso mesmo testemunhos que ficarão para memória futura.

Remonta a 2005 o desafio da Fundação para documentar em vídeo os que se adivinhavam como sendo os últimos tempos de laboração da Robinson. Interessava reter a memória dos operários, a relação com as máquinas, as socialidades existentes, quer dentro do espaço fabril, como fora dele, tendo em vista a preparação de um acervo videográfico a desenvolver para o Museu a ser ali instalado futuramente. Por outro lado, em relação à realização do documentário, importava reflectir o meu próprio olhar sobre este período conturbado da corticeira, considerando as mulheres e os homens que ali viveram uma boa parte da sua vida e que viam o seu futuro ameaçado pelo encerramento da fábrica.

Nesta altura, ninguém poderia imaginar quantos anos seriam necessários para poder concluir os trabalhos. A expectativa inicial relativamente à possibilidade dos operários falarem sobre as suas vivências quotidianas para a câmara vídeo foi sendo sucessivamente adiada. Durante dois anos a

IT WOULD PROBABLY be easier to evaluate projects upon finishing if we referred to the results achieved based on the aims outlined at the outset. In this project, which was initially entitled “The Workers and the Factory in the City”, it seems more important to mark the human involvement, persistence and dedication which have marked the six year journey since research and filming work began. And if this is true for those who, from the institutional and personal point of view, have done everything to bring it to a conclusion, it is even more so in relation to those who are its main recipients and who at the same time constitute its protagonists: the former workers of the Robinson Factory. Producing and carrying out this project was both unique and stimulating, whilst at the same time demanding. The filming and the documentary are actual testaments to this process which will remain as future memory.

The wish of the Foundation to provide a video documentary of what was envisaged as being the final period of Robinson activity goes back to 2005. Interest had been expressed in keeping a memory of the factory hands, their relationship with their machines, their conviviality, both within the working environment, as well as outside it, with the aim of building a video archive which would in the future be housed in the Museum. On the other hand, in carrying out of this documentary, I felt it important to reflect with my own eye on this troubled period for the cork factory, by considering the men and women who spent a large part of their lives there and who saw their future threatened by the closure of the factory.

At that time, nobody could have imagined how many years would be necessary to bring this work to a conclusion. The initial expectation concerning the possibility of the factory hands talking about their daily experiences into a video

Administração da Fábrica Robinson não autorizou a entrada nas instalações. Vieram finalmente a consentir a minha entrada na fábrica num período em que se vivia uma atmosfera sufocante, com ordenados em atraso que se acumulavam mês após mês, sem solução à vista, levando muitos dos operários a pedir a suspensão do contrato como alternativa a uma situação insustentável. A ameaça do encerramento estava cada vez mais presente e os operários não queriam falar para a câmara vídeo sem saber o que lhes reservava o futuro. Muitos deles temiam que fossem exercidas represálias se o fizessem. Independentemente das precauções que tomei para evitar situações desagradáveis e de saber se efetivamente isso poderia mesmo acontecer, o que importa destacar é o enquadramento de incerteza e medo que se vivia no momento em que começaram os trabalhos de captação de imagem e som no interior da fábrica.

As filmagens iniciais reflectiam portanto esse distanciamento de forma consciente. Ainda que a contragosto, era um “olhar de fora”, assumido como distante, sem praticamente diálogos ou interações com os operários que ainda laboravam. Nalguns casos, aconteciam depoimentos inesperados, de quem já pouco tinha a perder e precisava mesmo de desabafar com quem quisesse ouvir.

Mesmo em alguns dos momentos mais exigentes do meu trajecto profissional, como quando filmei entre 1999 e 2000 junto de uma comunidade religiosa em Cabo Verde – os *Rebelados* de Santiago – nunca tinha lidado e experimentado uma situação tão complexa como esta. Recordo momentos que passei, no verão de 2008, durante os almoços no refeitório da Robinson com os operários. Nestas pausas alternadas pelo som do apito que marcava os turnos, perguntava-me como haveria de conseguir chegar a cada uma daquelas pessoas naquelas circunstâncias. De que modo fariam agora

camera was repeatedly postponed. For two years the Board of Directors of the Robinson Factory did not authorise entry onto its premises. They finally granted my entry into the factory at a time of a suffocating atmosphere, with salaries unpaid which continued for month after month, with no solution in sight, leading many workers to ask to be laid off as an alternative to an unsustainable situation. The threat of closure grew ever closer and the factory hands did not want to talk on camera without knowing what the future held for them. Many feared reprisals if they did so. Irrespective of the precautions which I took to avoid unpleasant situations and to know whether this could actually happen, what is important to emphasise is the background of uncertainty and fear which was felt at the moment when sound and image recording finally got underway inside the factory.

The initial filming thus reflected this distancing in a conscious manner. Whilst against my will this was an “outside view”, understood as being distant, practically without any dialogues or interactions with the factory hands who still laboured there. In certain cases unexpected statements occurred, from those who by now had little to lose and really needed to pour their heart out to whoever wanted to listen.

Even during some of the most demanding moments of my professional life, such as when in 1999 and 2000 I filmed a religious community in Cape Verde – the *Rebelados* of Santiago – I had never experienced and dealt with such a complex situation as this one. I can recall moments which I spent, in the summer of 2008, during lunches with the workers in the Robinson canteen. In these breaks, which alternated with the sound of the whistle signalling the next shift, I used to ask myself how I was going to make contact with each of those individuals, given the circumstances. In what way could the proposed aims when setting up the



sentido os objectivos propostos no arranque do projecto dado que praticamente ninguém falava comigo quando filmava? Ao mesmo tempo tive plena consciência do que para mim significava do ponto de vista humano aquela experiência. Tão dura quanto enriquecedora. E perguntava-me também, o que valiam as minhas preocupações e angústias em comparação com a daqueles homens e mulheres com quase um ano de ordenados em atraso, sem saber se a fábrica continuava no dia seguinte?

Apenas no início de 2009 senti que havia uma melhor compreensão acerca da importância do trabalho no terreno e sobre os fundamentos que justificavam o registo audiovisual em curso, sobretudo tendo em consideração a urgência da recolha na perspectiva do encerramento eminente da corticeira. Aliás, nesta altura foi mesmo solicitada a minha presença para filmar a secção do negro. A iniciativa partiu por parte da Administração da fábrica que anteriormente me tinha vedado o acesso às instalações. Era agora claro que todas estas imagens e sons eram património de Portalegre e não de interesses particulares ou de conflitos institucionais alheios a este registo. Estas foram talvez as filmagens mais expressivas da laboração. Foi o canto do cisne. Duas semanas depois a fábrica fechou.

Apesar das dificuldades, mesmo assim foi possível registar o que sobrava do ciclo produtivo nas vésperas do encerramento da fábrica. Cada vez existiam menos operários especializados e todos se empenhavam em fazer de tudo um pouco para assegurar a laboração. Deslocavam-se normalmente em grupo para executar tarefas pendentes que se sucediam de forma descontinuada e intermitente. Isto ao longo de dias, semanas a fio, até obterem o produto final, procederem à embalagem e à posterior colocação no contentor para transporte e distribuição.

project be met, given that practically nobody was talking to me as I was filming? At the same time I was fully aware what that experience meant to me from the human point of view. It was as hard as it was enriching. And I also asked myself how important my own concerns and worries were in comparison with those men and women who had not been paid for almost a year, and did not know if the factory would still be functioning the next day.

It was only at the start of 2009 that I felt that there was a better understanding regarding the importance of this field work and the reasons to justify the audio-visual recording that was taking place, above all taking into consideration the urgent need to carry out this recording given the perspective of the imminent closure of the cork factory. Besides, my presence at this time was actually requested in order to film the black agglomerate sector. The initiative for this came from the Senior Management of the factory who had previously prohibited my access to the premises. It was now clear that all these images and sounds were part of the patrimony of Portalegre and not private interests or institutional conflicts extraneous to this recording. They were perhaps the most expressive moments which were filmed during production. This was the swan song. Two weeks later the factory closed.

Despite all the difficulties, it was still possible to record what remained of the factory's productive cycle on the eve of its closure. There were increasingly fewer specialist factory hands and everyone was committed to doing a little of everything to ensure production. A group normally carried out the pending tasks and this was done in an intermittent and discontinuous manner. For days and weeks running they did this until the final product was obtained, which they then packaged and placed on the container for transportation and distribution.



Embora os objectivos iniciais do registo audiovisual não tivessem sido plenamente alcançados, as cerca de 60 horas gravadas ao longo de todo o projecto poderão ser futuramente alvo de investigação de modo a permitir melhor compreender o funcionamento da corticeira e, sobretudo, conhecer os testemunhos dos homens e das mulheres que nela trabalharam, quer durante o período em que a fábrica ainda estava aberta, como após o seu encerramento.

O documentário teve como preocupação fundamental dar voz a homens e mulheres que, em muitos casos, foram operários durante uma parte significativa da sua vida activa. Deixaram de o ser porque, entre outros motivos, se reformaram ou tiveram que abandonar a fábrica em resultado da sua falência e do seu encerramento. Praticamente todos os ex-operários têm em comum um sentimento profundo de pertença e de identificação com a Robinson. Como se, no limite, se sentissem ainda hoje como membros deste colectivo.

Foi-me sugerido pela Fundação Robinson que tivesse a preocupação de abranger um número significativo de antigos operários, homens e mulheres, de várias gerações, com experiências diversas em períodos distintos de actividade da fábrica.

A construção do personagem colectivo seria porventura arriscada e até inútil se não existissem semelhanças tão profundas em cada uma das pessoas que colaboraram no projecto, quer no relacionamento entre si, quer com a cortiça, com os produtos dela resultantes e com este espaço ao longo do tempo. A própria fábrica assume-se aqui enquanto parte integrante deste personagem colectivo. Como se tivesse vida própria para além dos que nela habitaram enquanto operários. Para mulheres e homens terá sido sedutora e encantadora, objecto da atenção e dedicação. Adorada por quase todos, foi poderosa, simultaneamente dura, frágil e vulnerável.

Although the initial aims of the audio-visual recording had not been fully achieved, the approximately 60 hours of material recorded during the project could be researched in the future so as to enable a better understanding of how the cork factory functioned and, above all, to access the statements of the men and women who worked in it, both during the period when the factory was still open, and after its closure.

An essential concern of the documentary was to provide a voice for these men and women who, in many cases, had been factory hands for a significant part of their active lives. They stopped working for various reasons, including retirement or having to leave the factory as a result of its bankruptcy and closure. Practically all of these ex-workers share a deep sense of belonging and self-identification with the factory. It is as if they still even today feel as members of this collective group.

The Robinson Foundation suggested that I included a significant number of former workers, men and women, from various generations, with various experiences at distinct periods of the factory's activity.

The construction of the collective personality would perhaps be risky and even useless without the presence of a deep kindred spirit in each of the people who collaborated on the project, both in terms of their relationship between themselves, with cork, with its products and with this space throughout time. The factory itself had thus become an integral part of this collective personality. As if it had its own life beyond the lives lived out by its workers. For the men and women it would have been seductive and charming, an object of attention and dedication. Adored by almost everybody, it was powerful, while at the same time hard, fragile and vulnerable. Its closure and abandon-

vel. O seu fecho e abandono são sentidos como uma perda de alguém com quem lidaram de perto durante parte significativa da sua vida, sendo por isso, ainda hoje, alvo de sentimentos de profunda tristeza e saudade.

Este tem sido, aliás, um dos ‘mistérios’ a resolver em todo este percurso: como é que um espaço com condições de trabalho tão duras e mesmo, em certas circunstâncias consideradas hostis é capaz de estimular tanta dedicação, entrega, emoção e, nalguns casos, até paixão? E como poderemos entender que alguns destes sentimentos continuem a perdurar em muitas destas pessoas sabendo que a fábrica já não se encontra actualmente em laboração?

«A ideia nunca abala» revela-nos que para todas estas mulheres e estes homens é necessário ter esperança e acreditar. Mesmo que o tempo dê indicações contrárias ao que gostariam que acontecesse, não puderam jamais fraquejar e aceitar a fatalidade do desemprego, de uma vida dependente e quebrar os laços que os unem uns aos outros. Baixar os braços, desistir, conduz à renúncia e a uma morte anunciada.

Este documentário realizado em Portalegre, no Norte Alentejano, não se esgota nesta cidade, nesta região ou mesmo em Portugal. Centra-se em homens e mulheres detentores de práticas e saberes especializados que deixaram subitamente de exercer a sua actividade ficando sem qualquer perspectiva segura sobre o que o futuro lhes reserva.

Revela-nos, em suma, o impacto do fim de uma *Era Industrial*. Uma sociedade que descarta as pessoas quando já não lhes reconhece qualquer utilidade. Nestes tempos incertos e de mudança, o contributo destes materiais e deste filme é também o de não deixar cair em esquecimento os antigos operários da Fábrica Robinson. Para que conste.

14 Julho de 2011

ment have been felt as the loss of somebody who was close for a significant part of life, and as such is even today the source of feelings of deep sadness and nostalgia.

This has, indeed, been one of the “mysteries” to be solved throughout this path: how is it that a space with such hard and, in certain circumstances, what could be considered even hostile, working conditions, could at the same time inspire such feelings of dedication, commitment, emotion and in certain cases even love? And how can we understand that some of these feelings continue unchanged in many of these people even though we know that the factory is no longer in operation?

“The idea never wavers” shows us that all these men and women need to have hope and to believe. Even if at a certain moment there are indications that the opposite to what one would wish is happening, they can never weaken and accept the fatality of unemployment, of a dependent life and the breaking of the ties that bind each other. Lowering one’s arms, giving up, leads to renunciation and a death foretold.

This documentary was made in Portalegre and in the North Alentejo, but its limits extend beyond this City, Region or even Portugal. It is based on men and women who possess practical experience and specialised knowledge which they suddenly no longer utilised, as they lost any secure perspective in terms of what the future held for them.

In short, it shows us the impact of the end of an *Industrial Era*. A society which discards people when it no longer recognises their utility. In these uncertain times of change, the contribution of this source material and this film is also to ensure that we do not discard our memories of the former workers of the Robinson Factory.

14 July 2011

Os operários da Fábrica Robinson

The workers of the Robinson Factory

MÁRIO MURTEIRA

PROFESSOR EMÉRITO E PROFESSOR CATEDRÁTICO JUBILADO DO ISCTE - IUL
EMERITUS SENIOR PROFESSOR OF ISCTE - IUL

A FÁBRICA ROBINSON, em Portalegre, foi criada por um inglês ainda no século XIX. Chegou a ocupar cerca de 1600 trabalhadores, e produzia diversos artigos em cortiça, que exportava para o mundo inteiro nos seus tempos áureos. Depois disso, a empresa passou por uma longa crónica de estagnação e declínio que terminou pelo encerramento recente, restando hoje um edifício meio abandonado, onde se guardam restos de equipamentos que poderiam ser exibidos num museu da Primeira Revolução Industrial.

O excelente documentário de Jorge Murteira sobre a fábrica, desvenda-nos um pouco desse interior fabril que nos recorda tempos da Grã-Bretanha do século XVIII, das origens da industrialização que foram também das origens da própria Economia Política.

Estamos assim em Portalegre, numa região menos desenvolvida dum país que ainda não pode considerar-se «desenvolvido», viajando até aos primórdios do capitalismo industrial.

Mas temos uma grande surpresa ao assistir ao desenrolar deste documentário, organizado de forma a prender-nos a atenção como se de filme de *suspense* se tratasse.

Pois são personagens vivas, de intensa humanidade que nos são reveladas na evocação da Fábrica Robinson, através de diálogos oportunos e transparentes entre Jorge Murteira e antigos operários.

Não encontramos ódios ou rancores contra patrões exploradores ou desumanas condições de trabalho. E sabemos que uns e outras de facto existiram. Mas o que sobressai é a ligação existencial íntima do operário ao seu trabalho. Este era, literalmente, a razão de ser daquelas pessoas. É comovente ouvir as declarações daqueles homens que estiveram dezenas de anos mergulhados em duras condições de trabalho quando perceberam, definitivamente, que tinham perdido o emprego.

THE ROBINSON FACTORY in Portalegre, was set up by an Englishman in the 19th century. It came to employ around 1600 workers, and produced various cork products, which in its golden period it exported worldwide. After this, the company underwent a long period of stagnation and decline which culminated in its recent closure. Today there remains a half abandoned building, where the remains of the equipment are stored which may be exhibited in a museum of the First Industrial Revolution.

Jorge Murteira's excellent documentary on the factory unveils a little of the interior of this factory reminiscent of Great Britain in the 18th century, and the origins of industrialisation which were also the origins of Political Economy itself.

We are thus in Portalegre, a less developed region of a country which still cannot consider itself to be "developed", travelling back to the "first stages of industrial capitalism.

But we are in for a great surprise when we watch this documentary unfold, as it is organised in a way to capture our attention as if we were watching a thriller.

This is because it deals with living characters, an intense humanity which is revealed to us when evoking the Robinson Factory, through the providential and open dialogues between Jorge Murteira and the former factory hands.

There is no hatred nor rancour towards bosses exploiting them or inhumane working conditions. And indeed we are aware that one or the other was the case in fact. What comes over is the intimate existential link of the workers to their job. This was literally the *raison d'être* of these individuals. It is moving to hear the statements of those people who were immersed in those tough working conditions for decades when finally realising that they had lost their jobs.

Uns continuaram a sair de casa como se a fábrica esperasse por eles, a certa hora matutina. Outro disse que estaria pronto a regressar imediatamente ao seu trabalho se a fábrica reabrisse. Vários confessaram que muitos dias, contra todas as evidências, continuaram a ir para a fábrica como se o encerramento não fosse, como era, inevitável.

E vão ainda diariamente encontrar-se no café «Banana», mantendo um convívio que remonta a anos atrás, noutros tempos e com outras esperanças. Observamos fiéis clientes cuidadosamente tratando da limpeza da sala.

Alguns animais de estimação povoam esta comunidade, entre eles a cadela de nome *Falida*, que também busca em vão a fábrica onde tantos anos foi acarinhada e alimentada pelos operários. Suspeitamos que ainda existe nela, dalguma forma, uma consciência de classe.

Este documentário de Jorge Murteira sobre a fábrica Robinson, assim, mais do que revelador duma antiga unidade industrial, é espelho duma perene condição humana, cheia de claridades e sombras, tal como a velha fábrica em ruínas.

Some continued to leave home as if the factory was waiting for them at that early dawn hour. Others stated that they would be ready to return to their job the instance the factory were to reopen. Several confessed that often, against all the evidence, they had continued to go to the factory as if its closure was not, as it indeed was, inevitable.

And each day they still meet at the “Banana” café, to maintain the conviviality which goes back years, to other times and other hopes. We can observe loyal clients carefully cleaning the room.

There are some pets in this community, amongst them a bitch with the name of *Falida* (Bankrupt), who also searches in vain for the factory where she was cared for and fed by the factory hands during years. We believe that there is still, in some shape or form, a class consciousness.

This documentary by Jorge Murteira on the Robinson factory is thus more than just a reflection on a former industrial unit, but rather the mirror of a perennial human condition, full of light and shade, just like the old factory now in ruins.



Planos de urgência **Imagens e sons da fábrica de cortiça de Portalegre**

Emergency plans

Images and sounds from the Portalegre cork factory

CLÁUDIA JORGE FREIRE

INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO.
DEPARTAMENTO DE MUSEUS/REDE PORTUGUESA DE MUSEUS
INSTITUTE FOR MUSEUMS AND CONSERVATION
DEPARTMENT OF MUSEUMS/PORTUGUESE MUSEUM NETWORK

NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, a par do encerramento de muitas indústrias, tem proliferado o interesse pelo património industrial. Simultaneamente, a instalação de museus em edifícios fabris desactivados passou a ser um fenómeno contemporâneo. É neste contexto que surge um projecto museológico em torno da Fábrica Robinson em Portalegre.

Para levar a efeito este projecto, desde logo foi considerada decisiva a urgência da investigação em torno dos vários edifícios e equipamentos da fábrica, bem como dos operários, que até Fevereiro de 2009 ainda ali trabalharam. Quer o contexto social, quer os elementos tecnológicos ainda em funcionamento foram definidos como eixos fulcrais da pesquisa.

No âmbito do património industrial, há muito que os museus deixaram de valorizar apenas a preservação do património material. Elementos fundamentais, e também os mais frágeis, situam-se no domínio do imaterial: os ambientes, os saber-fazer, as aptidões profissionais, os conhecimentos, as práticas, as representações e as memórias. O audio-visual é um instrumento privilegiado para o registo destas dimensões. O seu uso em museus acrescenta novos sentidos às colecções e aos patrimónios, evoca outras leituras, permite diferentes abordagens e relações, sugerindo campos de reflexão e de questionamento. Constitui uma forma de preservar memórias, de as valorizar e divulgar.

Na perspectiva de salvaguardar o património imaterial relacionado com a fábrica de cortiça, a Fundação Robinson desenvolveu o projecto de constituição de um arquivo audio-visual e de realização de um documentário com a colaboração de Jorge Murteira. De salientar o perfil de antropólogo do realizador, cujo olhar vai orientando a curiosidade, o trabalho de campo e a investigação, tornando os momentos de rodagem momentos de pesquisa.

IN RECENT DECADES, the closure of many industries has at the same time led to a proliferation of interest in industrial heritage. Simultaneously, the locating of museums inside no longer used factory buildings has become a contemporary phenomenon. It is within this context that a museum project based around the Robinson Factory has taken place in Portalegre.

To realise this project, it was considered essential from the outset to carry out research into the various buildings and equipment and also the factory hands, who until February 2009 still worked there. Both the social context and the still functioning technological elements were defined as being core aspects of the research.

As far as industrial heritage is concerned, museums have long ceased to value merely the preservation of material heritage. Key elements, which are also the most fragile, lie in the nonmaterial area: the environments, know-how, professional skills, knowledge, practices, representations and memories. The audio-visual medium is a privileged instrument to capture these dimensions. Its use in museums adds new meaning to their collections and heritage, and evokes other readings, allowing for different approaches and relationships, which suggest fields of reflection and questioning. It forms a way of preserving memories, so as to cherish and disseminate them.

In order to safeguard the nonmaterial heritage related to the cork factory, the Robinson Foundation drew up the plan to establish an audio-visual archive and make a documentary through the collaboration of Jorge Murteira. Of note here is the role of the director as anthropologist, whose gaze was the focus of the resulting curiosity, field work and research, thus turning the moments where the film was shot into moments of research.

O contexto social a documentar e as condições de produção marcaram fortemente os registos efectuados entre 2006 e 2011. Nestes registos, sobressai a imagem/representação que os operários quiseram dar de si: numa primeira fase, ainda com a fábrica em laboração, de distanciamento, tensão e contenção; após o encerramento efectivo da corticeira, de abertura, intimidade e emoção.

A urgência em filmar a fábrica e os seus últimos momentos de laboração determinaram a forma de registar. Uma observação espontânea e atenta, com a preocupação de documentar tudo o que fosse possível, desde o ambiente geral ao pormenor das mãos e das máquinas e engrenagens em funcionamento. Nota-se a consciência, quer do observador, quer dos protagonistas, de que aquela realidade está prestes a desaparecer. Trata-se do registo de uma situação tensa, marcada pela espontaneidade.

É mérito do realizador a naturalidade com que os operários falam para a câmara sobre as dolorosas situações que estavam a viver. De referir, ainda, a presença assumida da voz do realizador, interagindo com os operários e desafiando a conversa e as confidências. Transparece a relação profunda estabelecida com os operários, assumindo-se como parte integrante dos registos em filme, em busca de um ponto de vista e da construção de uma narrativa.

Ora estes registos são de uma riqueza e de uma densidade de informação extremas. Ao fim de cinco anos de trabalho, foram reunidas 60 horas de material bruto que se pode dividir em dois conjuntos:

a) antes do encerramento da fábrica

Os registos efectuados revelam os ambientes da fábrica, espaços interiores e exteriores, acrescentando aos edifícios, objectos, maquinarias e equipamentos a vivência que lhes estava associada. Evocam o seu contexto de uso e de funcio-

The social context being documented and the manufacturing conditions critically shaped the recordings made between 2006 and 2011. In these, what stands out is the image/representation that the factory hands wanted to give of themselves: initially, while the factory was still in operation, one of detachment, tension and restraint after the actual closing of the cork factory, openness, intimacy and emotion.

The urgency involved in shooting the factory and its final working moments determined how this recording was made. Careful and spontaneous observation, with the aim of documenting everything that was possible, from the general environment to the details of the hands and the machines and the moving cogs. What is also of note is the awareness, both on the part of the observer, and the protagonists, that that reality was about to disappear. This involved the recording of a tense situation, a key feature of which being spontaneity.

Credit is due to the director for the naturalness with which the factory hands speak to the camera about the painful situations they were going through. Mention should also be made of the assumed presence of the director's voice, interacting with the workers and challenging them to converse and confide. The strong relationship established with the workers, taken as an integral part of the film recordings, shines through in the search for a point of view and the construction of a narrative.

In fact, these records are extremely rich in information and depth. After five years of work 60 hours of raw footage were collected that can be divided into two groups:

a) before the closure of the factory

The recordings made show the factory environments, both the inside and outside spaces, along with the buildings,



namento, permitindo a sua compreensão. Evidenciam gestos, práticas, técnicas, momentos de trabalho e de pausa, sociabilidades e inter-ajuda em contexto fabril. Rotinas. O trabalho repetido. Condições duras e exigentes. Jogos de luz e sombra nos edifícios da fábrica. Os cães. As chaminés a fumar. A fábrica e os seus fumos na cidade.

Numa perspectiva de documentação de urgência, estes registos foram feitos nos últimos meses e dias de laboração da fábrica, num período muito particular da sua biografia, pois já se anunciava o seu encerramento. O contexto e as condições de trabalho não correspondiam à sua realidade anterior, designadamente aquando do seu pleno funcionamento. Uma indústria com mais de 150 anos teve várias fases, alguns períodos áureos, de franca expansão e inovação.

No momento em que tiveram lugar os registos audiovisuais, o número de operários era reduzido, algumas máquinas já se tinham tornado obsoletas, a cadeia técnica estava alterada com a inactividade de alguns sectores. Os operários resistentes, com ordenados em atraso, faziam tudo para manter a actividade da fábrica, desempenhando funções antes realizadas por outros operários. Os seus gestos não voltarão a repetir-se naquele contexto.

b) depois do encerramento da fábrica

Estes registos contêm sobretudo entrevistas aos antigos operários, cujo testemunho dá conta das suas vivências na fábrica, de diferentes experiências pessoais e profissionais, sobressaindo saudade e nostalgia, revolta e expectativa perante o desemprego. Os registos em filme desencadeiam reacções e representações de si, revelando tensões, emoções e desabafos.

“Desde os 13 anos...” Ali cresceram, tornaram-se homens e mulheres, viveram a sua mocidade, criaram laços, passa-

objects, machinery and equipment and the experiences associated with them. They recall the context of their use and operation, and are thus understood as such. They show gestures, practices, techniques, periods of work and rest, sociability and mutual help within a factory context. Routines. Repeated work. Harsh and demanding conditions. Games of light and shadow in the factory buildings. Dogs. Smoking chimneys. The factory and its smoke in the city.

From a perspective of a pressing documentary, these recordings were made in the final months and days of the factory's operation, in a very peculiar period of its life, since its closure had already been announced. The working context and conditions did not correspond to its previous reality, particularly when it was fully operational. An industry which lasted more than 150 years had experienced contrasting periods, including some golden periods of rapid expansion and innovation.

When the audio-visual recordings were carried out, the number of workers had been reduced, some machines had become obsolete, and the technical chain of processes had been changed due to the inactivity of some parts. The remaining factory hands, with wages in arrears, did everything they could to keep the factory's activity going, performing functions previously carried out by other workers. Their gestures will never again repeat themselves in such a context.

b) after the closure of the factory

These recordings mainly contain interviews with former workers, whose testimony gives an account of their lives in the factory, providing different personal and professional experiences, with an emphasis on longing and nostalgia, anger and anticipation in the face of unemployment. The recordings set off reactions on film and representa-



ram fases importantes da sua vida. 40 a 50 anos de trabalho, desde tenra idade. A fábrica era o sustento das suas famílias. As memórias pessoais confundem-se com as memórias do trabalho e da história da própria fábrica.

Importa destacar outro tipo de registos com planos que situam a fábrica na cidade de Portalegre e na sua envolvente. Na malha urbana, evidenciam-se ainda planos do bairro operário do Atalaião, próximo da fábrica, as casas, as ruas, os locais de sociabilidade, como o Café Banana e o Sindicato Nacional dos Operários de Corticeiros do Distrito de Portalegre.

Noutro âmbito, foram também registadas acções que estavam em curso, como as transformações do anterior espaço fabril para acolher novas instituições e novos habitantes.

No projecto museológico da Fundação Robinson, a existência dos registos referidos e o seu tratamento através de uma linguagem e de técnicas cinematográficas permitem infinitas possibilidades:

O material em bruto, após ser sistematizado e montado, classificado segundo critérios temáticos e organizado com palavras-chave e descritores, permitirá constituir o arquivo audiovisual destinado à consulta e à pesquisa por parte dos próprios operários, de investigadores e outros interessados.

Existindo um fundo audiovisual de material em bruto, está sempre em aberto a possibilidade de um novo olhar, da sua reinterpretação e da sua classificação sob uma multiplicidade de formas, em função de usos diferenciados. Pela densidade de informação e pela qualidade estética que este fundo tem, os materiais poderão ser usados nos domínios da investigação, da documentação, da exposição ou dos serviços educativos, e até da conservação (por exemplo, da maquinaria). Com efeito, o mesmo

tions of themselves, revealing their tensions, emotions and outbursts.

“Since I was 13 years old ...” They had grown up there, became men and women and lived out their youth, creating ties, and passing through important stages in their life. 40 to 50 years of work from an early age. The factory was the lifeblood of their families. Personal memories confused with memories of work and the history of the factory itself.

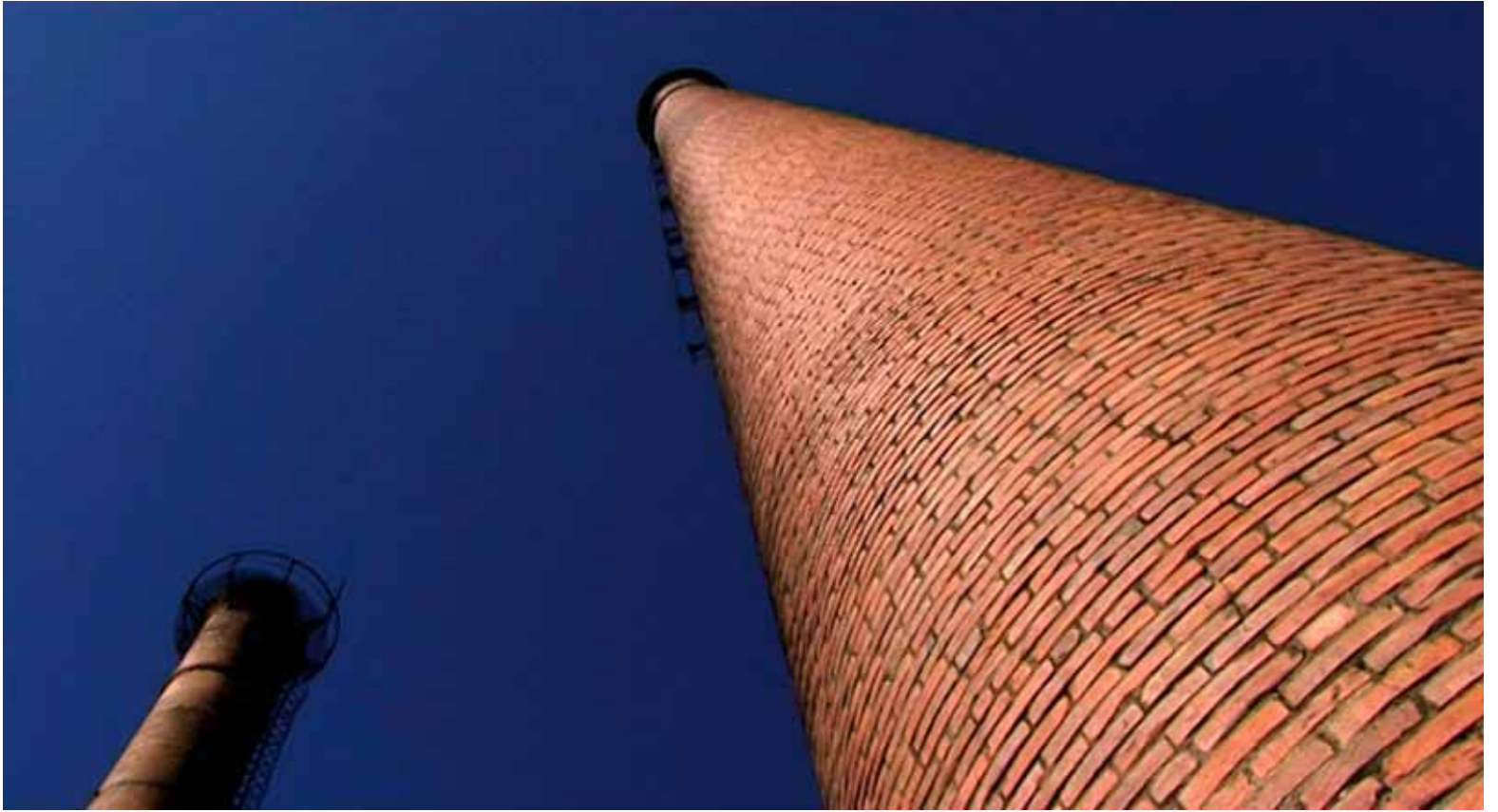
It is worth noting other recordings which locate the factory within the city of Portalegre and its surroundings. Its urban infrastructure visually shows the working class neighbourhood of Atalaião, located near the factory, and the houses, streets, and places to socialize such as the Banana Café and the National Union of Cork Production Workers of the District of Portalegre.

In another context, the filming also recorded other processes which were underway, such as the transformation of the former factory space to accommodate new institutions and new residents.

In the Robinson Foundation’s museum project, the existence of such records and their processing through a cinematographic language and techniques offers endless possibilities:

The raw material, after being assembled and systematized, classified according to thematic criteria and organized using keywords and descriptors, will form an audio-visual archive to be consulted and studied by researchers and other interested parties.

Given the existence of such an audio-visual corpus, this always opens the possibility of it being analysed from a new perspective and thus reinterpreted and classified in a multiplicity of ways, depending on different uses. Due to the informational quantity and aesthetic quality of this archive,



material pode dar azo a montagens com objectivos distintos: informativos, expositivos (discurso e estética) e pedagógicos.

O audiovisual não se trata apenas de um instrumento de registo ou documentação, mas um meio com possibilidades de expressão próprias. Através de imagens em movimento e de sons poderá ser feita a transposição da pesquisa de terreno para a exposição, numa linguagem acessível ao público. A integração de imagens e sons em diferentes contextos expositivos contribuirá para veicular informação, evocar o ambiente fabril, introduzir os testemunhos dos operários, acrescentando deste modo uma dimensão visual, sonora e sensorial à exposição.

Os ritmos do quotidiano, marcados por turnos anunciados pela sirene, e os sons das máquinas e das ferramentas, evocando o ambiente das áreas de trabalho correspondentes, enriquecerão a experiência sensorial a explorar em contexto de exposição ou de serviço educativo.

Os registos audiovisuais poderão ainda permitir a elaboração de pequenos filmes associados a temáticas apresentadas no discurso expositivo.

Para além deste conjunto de registos, foi realizado um documentário – *A ideia nunca abala* –, uma abordagem cinematográfica, que cruza observação e reflexão, com um olhar subjectivo sobre o material recolhido. Um filme de autor que poderá ser projectado no espaço do museu, mas também noutros contextos.

O documentário conta a história de um personagem colectivo: a própria fábrica, que nos fala através das vozes e gestos “mecânicos” dos operários, da proximidade e dos latidos dos cães, da dedicação e da revolta, da mudança abrupta de vida e da capacidade de adaptação a uma nova realidade. O recurso a diversas metáforas reforça a mensa-

the material could be used in the fields of research, documentation, exhibition or educational services, and even for conservation (e.g. the machinery). Indeed, the same material can lead to compiled material serving distinct purposes: informational, expository (speech and aesthetics) and teaching.

The audio-visual sector is not just a means to record and document, but a medium with its own possibilities of expression. The transposition of field research for an exhibition can be made through moving images and sounds, in a language which is accessible to the public. The integration of images and sounds in different exhibition contexts will help to convey information, evoke the factory atmosphere, and introduce the testimony of workers, thus adding a visual, auditory and sensory dimension to the exhibition.

The rhythms of everyday life, marked by the sirens announcing the shifts, and the sounds of machines and tools, evoking the atmosphere of their corresponding work areas, will enrich the sensory experience that can be explored either in an exhibition or during an educational activity.

The audio-visual recordings may also lead to the production of short films about certain themes present in the particular speech or lecture.

In addition to this set of recordings, a documentary was produced – *The idea never wavers* – adopting a cinematic approach mixing observation and reflection to take a subjective view over the material collected. This director’s cut can be projected within the museum space, but also in other contexts.

The documentary recounts the story of a collective entity: the factory itself, which speaks to us through the voices and “mechanical” gestures of the factory hands, the

gem forte do filme centrado sobre o trabalho em contexto fabril e sobre a inevitabilidade do desemprego.

A urgência em documentar um universo industrial em vias de desaparecimento exigiu flexibilidade para ir acompanhando a dinâmica do processo social. Ultrapassada uma fase inicial, que requeria um olhar passivo e paciente, houve depois oportunidade para problematizar e dar voz.

O documentário dá voz às pessoas e às suas emoções, numa perspectiva de procurar desvendar a multiplicidade de discursos e de práticas, nas suas profundas complexidades. Em paralelo, sobressai o silêncio, a ausência e o abandono no interior das paredes da fábrica, questionando...

Podendo contribuir para a reflexão sobre a sociedade contemporânea, este filme constitui um valor para o futuro museu.

O museu da Fundação Robinson pode ser um espaço privilegiado para a reflexão sobre as questões sociais ligadas à fábrica e ao seu encerramento. Pode constituir-se como um lugar de encontro, capaz de acolher e reavivar sociabilidades.

O arquivo audiovisual terá aqui um papel importante pela memória que preserva, pela possibilidade de dar a ver imagens de situações que já não se repetem, suscitando histórias, discursos, auto-representações, interrogações, e contribuindo para pensar o presente. Além disso, um novo registo destas vozes poderá então ser feito, de forma a enriquecer progressivamente o arquivo que se disponibilizará à consulta dos públicos.

Será de crucial importância que os antigos operários venham a colaborar no projecto museológico, por exemplo, nas vertentes do inventário, da conservação, da exposição e no serviço educativo.

proximity and barking of the dogs, dedication and indignation, abrupt life change and the ability to adapt to a new reality. The use of various metaphors reinforces the strong message of the film based on labour within a factory context and the inevitability of unemployment.

The pressing need to document an industrial universe about to disappear required flexibility in order to follow the dynamics of the social process involved. After the initial stage, which required passive and patient observation, there was then the opportunity to state the problem and give voice to it.

The documentary gives a voice to people and their emotions, from a perspective which seeks to untangle the multiplicity of discourses and practices from their intricate complexities. At the same time silence emerges, an absence and an abandonment, from the very walls inside the factory, questioning...

Given that this film can contribute towards reflection on contemporary society, it is an asset for the future museum.

The Robinson Foundation museum can be a privileged space for reflection concerning social questions related to the factory and its closure. It may establish itself as a meeting point, able to receive and rekindle such social relations once more.

The audio-visual archive will have an important role to play here given the memory it preserves, the possibility it provides to present and show images of situations which will not be repeated, and to create stories, discourses, self-representation, questions and contribute to thinking concerning the present. In addition to this, a new recording of these voices may be carried out, so as to gradually enrich the archive available for public consultation.

Este museu pode ser questionante, inquietante, na sua forma de interpelar a contemporaneidade, oferecendo informações/dados para pensar a sociedade, a sua relação com o trabalho e com os lugares do trabalho. O projecto museológico da Fundação Robinson, ancorado na investigação e procurando envolver as pessoas ligadas à antiga fábrica, tem um potencial imenso neste sentido, podendo assim desempenhar uma função social importante, função esta que é inerente à condição de museu na actualidade.

A industrialização foi catalizadora do desenvolvimento de muitos países nos últimos séculos. Numa época de profundas transformações, a história da Fábrica Robinson é apenas um exemplo a par de múltiplas situações semelhantes pelo mundo, em que o rasto deixado é o desemprego.

O encerramento da antiga fábrica dá lugar à perspectiva de abertura de uma nova fábrica, modernizada, com melhores condições de trabalho, que responda a um mercado exigente e diversificado. É essa a promessa que os antigos operários da Robinson, ainda sem lugar, esperam que se cumpra.

Que o projecto museológico que agora se configura não vise apenas preservar o património industrial, mas contribua também para reforçar a necessidade de reintegração destas pessoas na vida económica e cultural da cidade, valorizando efectivamente a sua experiência e os seus saberes especializados.

Como as imagens de Jorge Murteira tão bem ilustram, *“people are the real history”*.¹

It will be vitally important that the former factory hands are involved in the museum project, for example in inventorying the exhibition and in the educational services division.

This museum could be questioning and disquieting in the way it queries contemporary society, by providing information/data with which to consider society and its relationship with labour and jobs. The Robinson Foundation museum project, anchored in research and seeking to involve individuals linked to the former factory, has great potential in this regard, and may indeed carry out an important social role, a function inherent to a contemporary museum.

In the last few centuries industrialization was the catalyst for the development of many countries. At a time of profound changes, the history of the Robinson Factory is merely one example amongst many similar situations worldwide, in which the path ends in unemployment.

The closure of the old factory gives place to the perspective of the opening of a new, modernized factory, with better working conditions, which can respond to a demanding and varied market. This is the promise which the former Robinson factory hands, still without a place, are hoping will be fulfilled.

It is the case that the museum project which is now being set up does not only seek to preserve industrial heritage, but also contribute to reinforcing the need to reintegrate these individuals into the economic and cultural life of the city, and value their experience and their specialized knowledge.

As Jorge Murteira's images show so well, *“people are the real history”*.¹

BIBLIOGRAFIA

- El suro, a cortiça, cork, der kork, el corcho, korken. People are the real history.* Barcelona: CEDPI – Centre d’Estudis i Difusió del Patrimoni Industrial, 2000.
- COSTA, Catarina Alves e MOURÃO, Catarina - “Imagem em movimento nos Museus: experiências e prática”, *Museologia.pt*, n.º 2. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2008.
- DIAS, Joana Lino e CARRONDO, Lisete (coord) - *O Fio da Memória.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras/Museu da Pólvora Negra, 2008.
- FILIPE, Graça e AFONSO, Fátima - *Quem diz cortiça, diz Mundet.* Seixal: Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal, 2010.
- MENDES, Manuela - “Espaço Robinson – Nota Histórica”. Portalegre, 2003. <http://www.cm-portalegre.pt/resources/2080/zoom/robinson.pdf>

NOTA

- ¹ *El suro, a cortiça, cork, der kork, el corcho, korken. People are the real history.* Barcelona: CEDPI – Centre d’Estudis i Difusió del Patrimoni Industrial, 2000.

BIBLIOGRAPHY

- El suro, a cortiça, cork, der kork, el corcho, korken. People are the real history.* Barcelona: CEDPI – Centre d’Estudis i Difusió del Patrimoni Industrial, 2000.
- COSTA, Catarina Alves and MOURÃO, Catarina - “Imagem em movimento nos Museus: experiências e prática”, *Museologia.pt*, no. 2. Lisbon: Instituto dos Museus e da Conservação, 2008.
- DIAS, Joana Lino and CARRONDO, Lisete (coord) - *O Fio da Memória.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras/Museu da Pólvora Negra, 2008.
- FILIPE, Graça and AFONSO, Fátima - *Quem diz cortiça, diz Mundet.* Seixal: Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal, 2010.
- MENDES, Manuela - “Espaço Robinson – Nota Histórica”. Portalegre, 2003. <http://www.cm-portalegre.pt/resources/2080/zoom/robinson.pdf>

NOTE

- ¹ *El suro, a cortiça, cork, der kork, el corcho, korken. People are the real history.* Barcelona: CEDPI – Centre d’Estudis i Difusió del Patrimoni Industrial, 2000.

Ficha técnica

Technical information

Imagem, edição e realização

Image, editing and directing

JORGE MURTEIRA

Pós Produção Áudio

Audio Post-Production

FRANCISCO LEAL

Correcção de Cor

Color Correction

ANTÓNIO FERREIRA

A PRODUTORA

Tradução

Translation

JOÃO DOMINGOS

Produção

Production

MAGGOO AUDIOVISUAIS

Entre 2006 e 2007 este documentário começou
por ser filmado em Mini DV.

A partir de 2007 e até 2011, a captação de imagem
passou a ser feita em HDV (Alta Definição).

Between 2006 and 2007 this documentary started out being filmed in Mini-DV.
From 2007 onwards until 2011, images were recorded in HDV (High Definition).

Apoio Institucional

Institutional Support

CESO CI Portugal

Documentário promovido pela Fundação Robinson

Documentary promoted by the Robinson Foundation

Resumos e palavras-chave
Abstracts and keywords
Resúmenes y palabras clave
Résumé et mots-clé
Resümee und Schlüsselwörter

A ideia nunca abala

O documentário *A ideia nunca abala* foi filmado em Portalegre entre 2006 e 2011 e retrata o fim de uma Era Industrial.

Através do olhar do realizador acompanhamos os antigos operários da Fábrica Robinson desde as vésperas do encerramento desta importante corticeira até aos nossos dias. O filme centra-se em homens e mulheres detentores de práticas e saberes especializados que, com emoção, partilham experiências, memórias, sofrimentos e alegrias ali passadas e ainda hoje intensamente vividas e presentes. Muitos destes operários dedicaram a vida inteira à fábrica, que subitamente tiveram de deixar, enfrentando o desemprego e a incerteza do amanhã.

Promovido pela Fundação Robinson, *A ideia nunca abala* tem imagem, edição e realização de Jorge Murteira.

PALAVRAS-CHAVE

Filme/Documentário
Portalegre
Fábrica Robinson
Indústria
Cortiça
Operários
Passado e presente
Memória

The idea never wavers

The documentary *The idea never wavers* (*A ideia nunca abala*) was filmed in Portalegre between 2006 and 2011 and depicts the end of an Industrial Age.

Through the eyes of the director we accompany the former workers of the Robinson Factory from the eve of the closure of this important cork factory until the present day. The film focuses on men and women who possess skills and specialized knowledge and who share the experiences and emotions, memories, joys and sufferings they lived through and which today are still deeply felt. Many of these workers devoted a lifetime to the factory and suddenly had to leave it, to face unemployment and the uncertainty of what the next day would bring.

The idea never wavers (*A ideia nunca abala*) has been sponsored by the Robinson Foundation, with imaging, editing and directing by Jorge Murteira.

KEYWORDS

Film/Documentary
Portalegre
Robinson Factory
Industry
Cork
Workers
Past and present
Memory

La idea nunca se esfuma

El documental *A ideia nunca abala* [*La idea nunca se esfuma*] se rodó en Portalegre de 2006 a 2011 y refleja el fin de una época industrial.

A través de la mirada de su director acompañamos a los antiguos obreros de la Fábrica Robinson desde las vísperas del cierre de esta importante corchera hasta nuestros días. La película se centra en hombres y mujeres conocedoras de un saber especializado que, con emoción, comparten experiencias, memorias, sufrimientos y alegrías vividas allí y aún hoy en día intensamente sentidas y presentes. Muchos de estos obreros dedicaron toda su vida a la fábrica, la cual de repente tuvieron que abandonar, enfrentándose al desempleo y a la incertidumbre del mañana.

Apoyado por la Fundación Robinson, la imagen, el montaje y la dirección de *A ideia nunca abala* son de Jorge Murteira.

PALABRAS-CLAVE

Película/Documental
Portalegre
Fábrica Robinson
Industria
Corcho
Obreros
Pasado y presente
Memoria



L'idée ne part jamais

Le documentaire *A ideia nunca abala* (ou en Français *L'idée ne part jamais*) a été filmé à Portalegre pendant 2006 et 2011 en présentant la fin d'une Ère Industrielle.

A travers le regard du réalisateur on suit les anciens ouvriers de l'Usine Robinson dès les veilles de la fermeture de cette importante usine de transformation du liège – Robinson - jusqu'à nos jours. Le film présente des hommes et des femmes qui ont un savoir spécialisé et qui, d'une façon émue, partagent l'expérience, les souvenirs, le malheur et le bonheur qu'ils y ont vécu. Beaucoup de ces ouvriers ont voué toute leur vie à l'usine que d'un coup ont été forcés à abandonner, envisageant le chômage et la peur d'un avenir inconnu.

Soutenu par la Fondation Robinson, le film *A ideia nunca abala*, a l'image, l'édition et la réalisation de Jorge Murteira.

MOTS-CLÉ

Film /Documentaire
Portalegre
Usine Robinson
Industrie
Liège
Ouvriers
Le passé et le présent
Mémoire

Die Erinnerung bleibt

Der Dokumentarfilm *A ideia nunca abala* (zu Deutsch etwa: *Die Erinnerung bleibt*) wurde über einen Zeitraum von fünf Jahren (2006-2011) in Portalegre (Alentejo) gedreht und zeichnet das Ende einer industriellen Ära nach.

Durch den Blick des Regisseurs begleitet der Zuschauer die ehemaligen Arbeiter der *Fábrica Robinson* – von den Anfängen der Schließung dieser so bedeutsamen Korkfabrik bis in die heutige Zeit. Im Zentrum des Films stehen dabei die Frauen und Männer, jene fachlichen Köpfe und Kenner, die auf ergreifende Weise Erfahrungen, Erinnerungen, Freuden und Leid teilen, die sie bisweilen heute noch sehr intensiv nacherleben. Viele dieser ArbeiterInnen widmeten ihr ganzes Leben jener Fabrik, die sie einst jäh verlassen mussten und anstelle derer Arbeitslosigkeit und eine ungewisse Zukunft treten sollten.

A ideia nunca abala wurde gefördert von der Robinson-Stiftung (*Fundação Robinson*). Bild, Schnitt und Regie: Jorge Murteira.

SCHLÜSSELWÖRTER

Dokumentarfilm
Portalegre
Robinson Korkfabrik
Industrie
Kork
Arbeiter
Vergangenheit und Gegenwart
Erinnerung

